

Preso, tirou, a 19 de novembro, a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida*, viril protesto contra a violência de que era vítima. Figura extraordinária de agitador, que encheu uma época inteira, a do processo da Independência justamente, Cipriano Barata aguarda ainda a justiça da História. Nascido na Bahia, em 1764, chegou a Coimbra aos vinte e quatro anos, ali encontrando, já em fim de curso, José Bonifácio e Câmara Bithencourt, bacharelando-se em julho de 1790 e recebendo ali os reflexos da Revolução Francesa. De regresso à colônia, foi obrigado a tornar-se lavrador de cana, no engenho de João Inácio de Siqueira Bulcão, depois barão de São Francisco, onde o encontrou a vil denúncia do padre José da Fonseca Neves, de ligação com os conspiradores baianos de 1798. Preso, com a biblioteca seqüestrada, penou mais de ano, sendo libertado por falta de provas. Ainda na Bahia, aderiu à revolução pernambucana de 1817. Participou, depois, em fevereiro de 1821, da deposição do conde da Ponte. Seu prestígio assegurou-lhe lugar na representação brasileira às Cortes portuguesas reunidas em consequência do movimento constitucionalista. Nativista radical “transitava naquela Lisboa cheia de influências francesas e inglesas com roupas de algodão tecido no Brasil, sapatos de bezerro sem tinta, chapéu de palha e um tosco bengalão”⁽³⁴⁾. Na tribuna, tinha audácias que surpreendiam os seus pares: “Enquanto aqui se gastam palavras, os infelizes morrem de fome ao desamparo”. Desesperado de ver reconhecida a causa do Brasil, refugiou-se na Inglaterra, com sete companheiros, negando-se a jurar a Constituição elaborada pelas Cortes. Regressando ao Brasil, encontrou desencadeado o processo da Independência. Estava, entretanto, no número daqueles que punham a liberdade em primeiro lugar.

Suas inclinações eram pela República: fundou o primeiro jornal republicano que circulou no Brasil. A Bahia estava ocupada pelas tropas de Madeira. Permaneceu, por isso, em Pernambuco. Iniciou-se, então, na imprensa, e nem só na que ele próprio dirigia, como na *Gazeta Pernambucana*. Sua empresa máxima foram, entretanto, as diversas *Sentinelas* que tirava onde estivesse⁽³⁵⁾. Barata, pioneiro da imprensa libertária no Brasil,

(34) Otávio Tarquínio de Souza: *Fatos e Personagens em Torno de um Regime*, Rio, 1957, pág. 223.

(35) As *Sentinelas* mudavam de nome, de acordo com os lugares em que apareciam e as prisões a que era levado Barata. Foram as seguintes: 1) *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, com 66 números; 2) *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida*, com um número; 3) *Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande*, em Niterói, de 1823, com 32 números; 4) *Sentinela da Liber-*